

Os mascarados do subúrbio

Foliões do Pierrô Alegria de Plataforma mantêm viva uma tradição que já dura mais de 50 carnavais

Luciana Barreto

Tudo começou há mais de 50 anos, com uma farra: sete homens de Plataforma compraram panos coloridos e os entregaram a uma costureira do bairro. Nos dias de Carnaval, despiram-se de si próprios para incorporar o pierrô. Passeavam pelas ruas do bairro, entravam em várias casas, tomavam cerveja, comiam feijoada. O percurso conjunto acabava sempre às 18h, porque é de lei: a partir daquele horário, é proibido usar às máscaras. Ou então, a festa podia terminar um pouco antes, quando alguma esposa mais raiosa resolvia se utilizar do bom e velho pau de macarrão para trazer o maridão de volta ao lar.

Aqueles sete homens nunca poderiam imaginar que, 50 anos depois, veriam reunidos seus filhos e netos em torno da mesma festa. E que, em tempos em que uma música com o nome *Lança, lança* é censurada por conta de ameaças alucinógenas, seus netos ainda usam o líquido perfumado para respingar nos cabelos das meninas. E são garotos de 20 a 25 anos, em plena idade de agarrar as mulheres à força, com aqueles incômodos golpes de gravata.

“Esse ano, eu já estava decidido a sair de Ghandy”, diz Carlos da Silva, 23 anos. Ele já estava crente que usaria os turbantes e contas azuis e brancas. Mas quando viu, na costureira, aquele monte de panos vermelhos e brancos, tremeu. Chorou. “O pierrô tá no sangue”, diz, emocionado. Decidiu que sairia mais uma vez no Pierrô Alegria de Plataforma, um dos três grupos

de pierrô que se originaram daqueles sete pioneiros. Carlos decidiu: os turbantes ficariam para outro fevereiro. De preferência, algum que vá até o dia 31.

No primeiro ano em que Carlos saiu em um pierrô, a mãe o proibiu. Ele era muito criança, tinha 7 anos. “Já tinha comprado todos os panos. Tive que vender tudo com a maior dor no coração”. E naquele ano, quando os pierrôs vieram brincar com ele na porta de casa, nunca o tinham visto tão retado. E não era por medo das máscaras.

O desfile de pierrôs é peculiar. Eles dão uma carreira com pulos, e gritam, de um jeito que só dá para entender assistindo. Aí depois, dão uma parada. Brincam com as crianças que estão ao redor, paqueram as moças. Depois, correm novamente. Quando cansam um pouco, param em algum entreposto. Mas a bebida não pode tirá-los do sério, nem deixá-los mais assanhados. Senão, o diretor do Pierrô Alegria de Plataforma, Carlos Antônio dos Santos, 46 anos, passa um pito no malcriado —

em plena praça pública.

No início, os pierrôs de Plataforma só desfilavam no próprio bairro. Hoje em dia, o grupo — que já tem cerca de cem pessoas — se reúne na casa-sede, onde vestem a indumentária. Em seguida, vão à casa de Nice, a costureira. “Ela sempre promete à gente uma cervejinha”, diz o diretor. Depois, os pierrôs pegam um ônibus — esse ano, um vereador alugou o veículo e os salvou do sufoco de precisar escolher um coletivo vazio em pleno Carnaval. Depois do ônibus,

os pierrôs descem no Terminal da França, passam pelo Elevador Lacerda e Rua Chile. “No (bairro de) Dois de Julho, a gente dá outra parada e abastece novamente”, explica Santos.

Nesse trajeto, há histórias interessantes, que vão se renovando com o passar dos anos. Um dia, um dos componentes entretinha uma criança de colo, jogando-lhe confetes e serpentina. O menininho até que estava comportado, e nem se assustou com a máscara. Mas quando o pierrô tirou a máscara,

o menino começou a chorar, desesperado. É piada? Ou ele era mesmo feio? “Na minha concepção, ele é horrível”, constata Ademir Ribeiro, 58 anos, que já foi diretor do grupo. Preocupado, Ademir começou a avisar: “recoloca a máscara, recoloca a máscara”.

A orientação, em regra, é a contrária: quando as crianças estão assustadas, o pierrô deve tirar a máscara. “Que situação...”, lamenta Kátia Barroso, a madrinha do bloco. Outro que já passou por apertos foi Lício dos Santos. “A esposa me pegou no flagra”. Ele teve que voltar para casa. “Dei assistência a ela, e voltei de novo para a rua”, lembra.

Como em Plataforma, existem alguns carnavais que mantêm um espírito original, no meio do maremoto dos abadáes. O difícil é encontrá-los. É como encontrar uma agulha no palheiro, ou achar um folião em plena multidão. Esses carnavais permanecem vivos em poucos bairros e ruelas. De hoje até sábado, o *Correio da Bahia* vai publicar matérias sobre esses carnavais.

Para sair de pierrô na Plataforma, é preciso gastar em média R\$150, para a fantasia e sapatos padronizados. As cores mudam todos os anos. Nesse valor, também estão incluídos os gastos para a caixinha que permite alimentação e gastos étlicos. Para recordar: na italiana Commedia Dell'arte, o pierrô disputava com o arlequim o amor da colombine, e era sentimental, ingênuo e doce. Seguindo o espírito do personagem, há outro requisito para que os meninos de Plataforma possam viver o pierrô: eles precisam passar de ano. E serem meninos bem comportados.



Antonio Queirós

Integrantes da entidade vestem vermelho e branco para cair, novamente, na gandaia momesca